

O cotidiano de cada um

Em nova obra, Alberto Pucheu lança olhar irônico e incomum sobre temas que vão de amores desfeitos a crimes, do surfe a uma ida ao mercado

MARCOS PASCHE

Cotidiano é o todo dia de todo mundo. Assim, do novo livro de Alberto Pucheu, por se chamar “mais cotidiano que o cotidiano”, poder-se-ia supor um constante flagrar de situações e pessoas as mais banais, sendo a fragrância registrada num discurso de tom menor, sem fragrância e sem mesóclise.

É e não é isso o que se vê pelas páginas do volume, aberto com uma série de cinco textos tematizados pelo surfe. Nada de incomum se o surfe em destaque não fosse o *Tow-in* (título da série), a pegada de ondas gigantes: “É surfar ou morrer”. O desenrolar do livro vai confirmando o pressuposto, infirmo-o ao mesmo tempo e com a mesma intensidade. Fala-se de crimes, de amores desfeitos e da ida a um mercado, por exemplo, mas o que se ouve está além da mera observação, porque se busca o extremo aquém do observado. Os assuntos referidos podem ser designados banais quando vistos como tema, como a parte de um todo ou como objeto de um discurso.

A obra de Alberto Pucheu, no entanto, não se

satisfaz com a abordagem das coisas, quer com elas um encontro pleno: crimes são comuns para a estatística, não para quem os executa e quem os sofre; a falência amorosa está em todas as novelas e paradas de sucesso, mas o dia de seu anúncio é o apocalipse de quem o recebe; a câmera de vigilância pública não grava que, em sua caminhada para as compras, o poeta leva consigo “a cidade e a natureza ferina, a poesia/do dedo que falta na mão do presidente”. “Mais cotidiano que o cotidiano” é, então, o cada dia de cada um.

IDIOMA DA INDISCERNIBILIDADE

Ainda acerca das implicações entre o livro e seu nome, destaquem-se duas hipóteses. Uma é irônica, pois, a exemplo do que se falou do surfe, os crimes evocados por Alberto Pucheu (inscritos na seção “Cotidianamente”) têm caráter descomunal: a chacina ocorrida em abril de 2011 numa escola em Realengo e, em julho do mesmo ano, uma chacina ainda maior, na Noruega. A outra hipótese é a de uma radical

literalidade — o que, no caso, não abandona a ironia, antes a aprofunda: como a poesia convoca à reeducação do olhar, este livro de Alberto Pucheu confirma a vocação de toda a sua obra: o desguarnecer de fronteiras “dicotomizantes”. Portanto, mais cotidiano que o cotidiano é o cotidiano, ele próprio incomum, porque todos os cavalos rodam em seu carrossel, que baralha — ou ignora — as noções de ordinário e extraordinário. Enquanto explodem ondas e armas (inclusive aonde as lentes não chegam), a máquina do mundo prossegue sem alterar um só movimento de sua engrenagem, e não vê nisso qualquer contradição ou absurdo.

A distinção entre comum e incomum também diz respeito à caracterização da linguagem literária, entendida, desde a Antiguidade, como o termo surpreendente, a palavra que transfigura as referências coerentes do real. Também nesse território Alberto Pucheu fala o idioma da indiscernibilidade: para ser literariamente mais cotidiano que o cotidiano, o livro

não traz apenas textos “simples” (por oposição a “herméticos”). Nele, o alcance do extraordinário se dá pela via do “intraordinário”, sem mediações descarnadas: os arranjos (talvez o fator textual mais peculiar da obra do poeta-filósofo) não buscam representação ou metáfora, e sim fazer ressoar a voz das coisas de que com que, em meio a que e além de que a poesia fala. Vejam-se, como exemplos, o “Arranjo para tornar o mundo cada dia pior e mais violento”, com declarações dos assassinos responsáveis pelas referidas chacinas, e, logo em seguida, o “Arranjo para tornar o mundo cada dia menos violento”, formado somente com os nomes de vítimas daqueles dois episódios. Assim, na bucha, a poesia entrou até mesmo onde a linguagem poética não estava.

“Mais cotidiano que o cotidiano” é um adensamento da obra de Alberto Pucheu, que, com o livro, se reafirma, por tão visceralmente urbano, um poeta selvagem. Num poema em que se compara a surfistas (“Como eles mas diferente”), o autor se autodenomina *langugeman*. Se comparado a poetas, o canto seria fator de igualdade, sendo diferencial o sonoro de barulhos, vozes e escritos: um fazer do arranjador, um fazer poético. ●

Marcos Pasche é crítico literário, autor de “De pe-dra e de carne” e organizador, com Leonardo Barros Medeiros, do livro de ensaios “Hoje é dia de hoje em dia: literatura brasileira da primeira década do século XXI”

Mais cotidiano que o cotidiano

Alberto Pucheu

POESIA

Azougue Editorial, 112 páginas.



R\$ 36,90